

# Alectoromaquia: Os galos de briga dentro da história ambiental.

*Alectryomancy: the game roosters in the environmental history*

Misael Costa Corrêa<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende apresentar alguns aspectos historiográficos da espécie *gallus gallus*, sua provável origem na Ásia, onde, desde muito cedo, a antropização possibilitou sua domesticação e posteriormente sua difusão pelo mundo. Procurar-se-á, em seguida, fazer uma análise com base em pressupostos da história ambiental no que tange à prática das brigas de galos, seus aspectos legais e morais. Para isso, são trazidos depoimentos com vistas a um olhar mais relativista e menos dualista entre natureza e cultura, observando, assim, como se deu e se dá a interação entre os homens e os galos.

**Palavras-chave:** Briga de Galo, Memória, História Ambiental, Práticas Culturais.

**Abstract:** This article intend to present some historiographical aspects of the species *gallus gallus*, it's probable origin in Asia, where, from very early, the anthropization made it possible their domestication and subsequent diffusion throughout the world. After that, it will be analyzed, based on assumptions of the environmental history regarding the practice of cockfights, its legal and moral aspects. To do this, are brought testimonials for the purpose of a more relativistic perspective, and less dualistic between nature and culture, observing, thus, how it was and how it is the interaction between men and roosters.

**Keywords:** Cockfighting, Memory, Environmental History, Cultural Practices.

## Introdução

A história ambiental no Brasil é um campo de estudos recente dentro das ciências sociais, isso implica em uma grande variedade de temas que estão em discussão ou que ainda não foram suficientemente abordados.

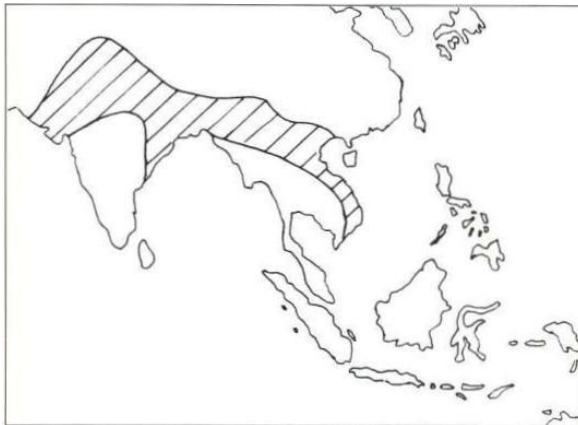
---

<sup>1</sup> Doutorando em História, UFSC. Bolsista Capes. E-mail: misaelcorreia@yahoo.com.br

Dentre as preferências da história ambiental, ou socioambiental, são relativos à degradação dos recursos naturais, como por exemplo o uso dos solos, os desflorestamentos, o uso da água, a utilização de componentes químicos comprovadamente danosos ou sob suspeitas. Dessa maneira, ainda há um grande leque a ser explorado pelos estudos acadêmicos no que compreende principalmente aos animais e suas formas de utilização.

A maioria dos estudos ambientais voltados aos animais não-humanos buscam observar a interferência humana como negativa, geralmente enfatizando processos socioeconômicos, associando-a a modos de produção que exploram de maneira inconsciente ou negligente, seja colocando espécies sob risco de extinção ou introduzindo-as em ambientes exóticos, o que se torna tão prejudicial as espécies autóctones quanto a exploração ditada por interesses econômicos.

Figura 1 - Mapa do Habitat Natural do Galo Selvagem.



Fonte: DANAË, Olivier. Combats de coqs: Histoire et actualité de l'oiseau guerrier. Paris, [França]: ACCT & Éditions L'Harmattan. 1989. p. 25.

Neste texto busco compreender e apresentar alguns aspectos da espécie *gallus gallus* e sua interação com os seres humanos, não exatamente como prática alimentícia e econômica, mas principalmente na sua utilização como prática cultural, mais especificamente sobre a prática das rinhas de galos. Sem entrar no mérito dos conflitos éticos, procuro, então, observar, com o auxílio de fontes orais, como se deu e se dá a interação entre homens, galos e galinhas.

## **1. Galos e galinhas e a história**

Não há uma exatidão científica sobre o habitat natural dessa espécie. Estudos apontam o Sul e Sudeste da Ásia como prováveis locais de sua existência e domesticação, o que pode ter ocorrido há mais de 5000 anos atrás. A dificuldade em precisar estes números se dá em função da escassez de relatos, no entanto, pode-se supor que a domesticação de muitas espécies animais ou de plantas se deu num período muito anterior à invenção e difusão da escrita. Ainda assim, através de paleontologia consegue-se ter alguns rastros e produzir interpretações, como também através da pictografia é possível observar que muitos animais foram representados, dentre eles também os galos.

A domesticação desses galináceos não se deveu, a princípio, para fins alimentícios, mas devido à característica belicosa recorrente entre os exemplares masculinos quando atingem a maturidade. O que ocorre em menos de um ano, muito embora possam manifestar esta característica muito antes, rechaçando alguns membros do bando. Quanto às fêmeas, este caráter belicoso é mais esporádico, acentuando-se no período do choco. Fase na qual passa por algumas alterações hormonais e comportamentais, elevando sua temperatura corporal para incubar os ovos, cobrindo-os em um ninho durante 21 dias, saindo do mesmo somente alguns minutos por dia para atender suas necessidades fisiológicas. Para proteger sua ninhada, nesse período ela torna-se mais agressiva, ouriçando sua plumagem na aproximação de intrusos, ou mesmo golpeando invasores com o bico e as pernas. Quando os ovos descascam ela continua protetora até que os pintos atinjam três ou quatro meses.

As brigas de galos, maneira como é denominada a prática que se desenvolveu a partir da criação desses animais com a finalidade de realizar lutas entre os mesmos, segundo as mais diversas fontes históricas, teria surgido na Ásia com a domesticação dos galináceos, sobretudo na China e Índia, regiões antropizadas há milhares de anos antes da era cristã.

Essa ocupação mais intensa, sobretudo em regiões que forneciam um potencial hídrico, transformou extensas áreas de florestas tropicais e subtropicais em terras agriculturáveis, cidades e mesmo em impérios, desflorestando o habitat de diversas espécies. Muitas delas podem ter sido extintas nesse período, enquanto outras, por diversos motivos, passaram a

ser manejadas diretamente pelos homens, ocasionando mesmo, a longo prazo, uma mutação de várias dessas espécies, como é possível observar até hoje em relação a cães, bovinos, galiformes, entre outros, animais submetidos a diversos cruzamentos, o que pode ter produzido exemplares tão distintos dentro de uma mesma espécie. Por suposto, a intensificação dessas mutações se torna mais recorrente nos séculos XIX e XX com o abrupto processo de cientificização.

Quanto aos galos, sabe-se hoje em dia que os galos criados exclusivamente para combates são os que mais se assemelham aos galos selvagens, ou ao chamado *gallus bankiva* (que predominava no leste e sudeste asiático), ao *gallus varius* (predominante em Java) e também ao *gallus sonneratii* e ao *gallus Stanley* (predominantes na Índia meridional)<sup>2</sup>, como descreveu o antropólogo estadunidense Alan Dunes:

Biólogos supõem que todas as galinhas domésticas provêm da galinha selvagem vermelha e cinza da Índia. O galo de briga que conhecemos hoje é o galináceo que mais se assemelha em aparência e comportamento com seus antepassados de combate do Oriente. Como nas florestas, ele é combativo com os seus semelhantes, e é isso que o galista explora quando coloca dois galos em um tambor<sup>3</sup>.

Isso indica que, provavelmente foi a criação desses animais para fins de diversão e passatempo que conservou boa parte dos instintos do animal na sua maneira mais primitiva. Não só pela fisionomia, mas por diversos comportamentos, tais como a agressividade, o canto (mais intenso nas primeiras horas do amanhecer), a formação de bandos, o cacarejo coletivo e outros sons como forma de alertar o grupo sobre algum perigo presente, o fato de buscar árvores para dormir ou se abrigar da chuva, etc.

Após sua domesticação, os galos transpuseram algumas fronteiras através do contato de povos hindus e chineses com os persas e foram

---

<sup>2</sup> ELIAS, Francisco. **Tratado sobre aves de rinha** (galos combatentes). Rio de Janeiro: sem editora, 1998. p.31.

<sup>3</sup> Tradução livre para: *Biologists surmise that all domestic chickens come from the Red and Grey jungle Fowl of India. The game chicken we know today is the chicken that most resembles in appearance and demeanor his fighting forefathers of the East. As in the wilds, he is combative with his fellow fowls, and this is what the cocker exploits when he puts two birds in a cockpit.* DUNES, Alan. **The Cockfighting**: A Casebook. Madison. Wisconsin, 1994. p.10.

difundidos pelo Oriente Próximo<sup>4</sup>. A partir dessa região, no primeiro milênio antes de Cristo, os galos combatentes foram introduzidos na Europa por fenícios, gregos e romanos, cabendo a estes últimos a disseminação por todo seu Império e até mesmo além de suas fronteiras<sup>5</sup>. Na Bretanha, consta que César, quando partiu para a sua conquista, lá encontrou criações de galos de briga, onde há muito tempo já constituíam um velho passatempo entre os habitantes, da maneira como escreve George Rillely Scott:

Muitos escritores são da opinião que os romanos introduziram o esporte na Grã-Bretanha. Outros afirmam com igual confiança que já era existente na época da conquista romana, apontando para a declaração de Júlio César no sentido de que os antigos bretões criavam aves por prazer e diversão ao invés de alimentos. De qualquer forma, é provável que os romanos foram os responsáveis pela introdução de esporas artificiais e a primeira forma de brigas de galo organizadas<sup>6</sup>.

No Brasil, assim como no continente americano, os galos chegaram muito cedo. Podemos apontar os portugueses e espanhóis como introdutores dos galos no Novo Mundo. Muitos autores afirmam que os galos e galinhas, além de servirem como alimento nas naus que faziam a travessia do Atlântico, ou mesmo para as que navegavam para o Índico, poderiam servir como forma de diversão através dos combates. Segundo Fernandes Duro, as frotas que iam as Índias (Ocidentais) levavam galos de briga que eram

---

<sup>4</sup> *Il a été avancé que ce sont les Perses qui ont introduit le coq dans le monde méditerranéen, lors de leur expansion en Asie Mineure et en Grèce.* DANAË, Olivier. **Combats de coqs: Histoire et actualité de l'oiseau guerrier.** Paris: ACCT & Éditions L'Harmattan, 1989. p.42.

<sup>5</sup> SCOTT, George Ryley. **The History of Cockfight.** 50ª ed. Midhurst – West Sussex: Beech Publishing House, 2009. p.152.

<sup>6</sup> Tradução livre para: *Many writers are of opinion that the Romans introduced the sport into Britain. Others assert with equal confidence that it was already existent at the time of the Roman Conquest, pointing out the statement of Julius Caesar to the effect that the ancient Britons bred fowls for pleasure and diversion rather than food. At any rate it is probable that the Romans were responsible for the introduction of artificial spurs and the first form of organised cockfighting.* SCOTT, op. cit., p.104.

jogados na cobertura dos barcos para distraí-los na monótona e longa viagem<sup>7</sup>.

No que tange a relatos, poucos documentos são encontrados sobre a presença de galos e das brigas de galos no Brasil. Um que vale ser mencionado é a Carta do Achamento do Brasil, onde o escrivão Caminha, descreve jocosamente um momento em que os portugueses apresentam galinhas aos nativos, e estes "quase tiveram medo. Depois a pegaram como que espantados"<sup>8</sup>.

Outros relatos importantes são de jesuítas, principalmente em colônias hispânicas, onde as rinhas de galos proporcionavam generosas rendas à coroa espanhola. O jogo foi regulamentado primeiramente por Carlos II em 1688 e depois por Felipe V em 1727<sup>9</sup>.

Ainda assim, há uma falta de relatos de viajantes e, posteriormente, de naturalistas no Brasil sobre brigas de galos. Isso possibilita pensar algumas respostas: a primeira pela banalidade da prática que existia também na Europa, logo o não estranhamento dos narradores a ponto de não considerarem importante um relato sobre as mesmas. A segunda por uma questão moral, onde a prática é associada ao jogo, o que é considerado pelos intelectuais da época como indigno de preocupação. Ainda assim, os relatos não a mencionam nem para desqualificá-la, com isso pode-se supor que os naturalistas não estavam interessados nas relações entre homem e natureza, mas estavam preocupados em descobrir e catalogar espécies nativas e desconhecidas dos europeus.

Importante, no entanto, é observar que as naus geralmente transportavam animais, fossem como instrumento de trabalho e conquista, como alimento ou não, e que esse transporte ocasionava a introdução e troca de espécies exóticas por todo o mundo. Assim, sobre os galos, é muito importante notar que esse animais não foram introduzidos na América somente a partir da Europa, pois o fluxos e viagens à Índia e oriente, acabaram introduzindo também variedades asiáticas no Novo Mundo. Esta pode ser uma das explicações para a diferenciação morfológica entre os galos combatentes e os tipos de combates realizados no Brasil em comparação com outros países da América.

As diferenças morfológicas entre os galos geralmente são divididas em dois grupos: entre os banquívóides e os malaióides, os quais são

---

<sup>7</sup> FERNANDEZ DURO, C. *Armada española desde la Unión de los Reinos de Castilla y Aragón*. Madrid, tomo IV, 1898. p.333.

<sup>8</sup> CAMINHA, Pero Vaz. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963. p.3.

<sup>9</sup> PEREZ, Omar Alberto. *La pelea de gallos en Venezuela: léxico, historia y literatura*. Caracas: Ediciones Espada Rota, 1984. p. 91.

subdivididos em raças e castas. A diferenciação básica é o tamanho e a altura, enquanto os primeiros são menores e mais leves com média de 2,0kg de peso, os segundos variam entre 2,5kg a 4,0kg, com algumas raças chegando a 6,0kg.

Para além dessas diferenças básicas, o que cessaria com as exceções, os galos banquívóides caracterizam-se por ter plumagem mais densa, asas mais longas o que lhe proporciona voos maiores em relação aos malaióides (muito embora os galináceos não se destaquem em voos contínuos e longos, mas pelos voos rasantes), isso torna os banquívóides mais ágeis, no entanto, os malaióides são geralmente mais robustos, com musculatura mais densa. Esses detalhes, associados a um conjunto de projeções socioculturais, incidem diretamente sobre as formas como se dão os embates e a maneira como se cria cada uma das variedades para os combates.

Figuras 2 e 3 - Exemplos de galos do tipo banquívóide e malaióide respectivamente.



Fontes: <jaimeayala.com.mx>. Acesso em: 08 jul. 2014. Foto do autor em: 07 out. 2013.

Os malaióides, variedade utilizada na grande maioria das brigas de galos no Brasil, propiciam combates mais prolongados e até por isso se utilizam esporas artificiais menores e que simulam esporas naturais. Estas esporas são em formato cônico e confeccionadas em plástico. Já onde as lutas se realizam com banquívóides (América Central, do Norte, Europa Ocidental, Bali, etc.) as brigas são de curta duração, às vezes durando poucos minutos ou mesmo segundos, pois as esporas artificiais são longas,

em forma de navalha ou agulha, o que facilita golpes profundos e definitivos.

Essas maneiras de apropriação e manejo de uma determinada espécie e suas variantes, explorando seus potenciais naturais, podem ser consideradas formas culturais de interação entre homem e natureza. Utilizar galos para lutas não condiz propriamente com uma exploração predatória da espécie como pregam os críticos mais pragmáticos, pois há milhares de anos eles vem sendo criados em cativeiro para tal fim. Além disso, nessa interação entre os homens e seus galos, o animal torna-se como uma extensão de seu dono. São valores sociais e morais colocados em disputa por intermédio daquele no qual se deposita confiança, bravura, conhecimento, valores associados à masculinidade, valores que estão acima das apostas. *Grosso modo*, quem vence a briga é o galo, mas quem vence a disputa é o proprietário do galo, pois ele se regozija em ser o detentor da melhor raça, do melhor trato, com isso ele passa a ter uma reputação maior dentro de seu grupo.

Quando, em depoimentos no Oeste Catarinense, perguntei se era mais importante o dinheiro ganho com as apostas ou o status em vencer a rinha, as respostas foram unânimes; todos eles disseram, *grosso modo*, que o importante é vencer a rinha, como é possível observar na resposta de Leonardo; “é o status, porque falavam de você lá em tal cidade, falavam em briga de galo, e falavam que não dá para chegar em tal sujeito lá de São Miguel do Oeste”<sup>10</sup>. Ou ainda, na resposta quase idêntica é a do depoente Nereu:

O status de vencer a rinha é o foco principal. Você não ganha dinheiro com o galo, você tem orgulho com o galo! Nós por exemplo, que éramos de uma condição um pouco menor, quando íamos a rinha de Chapecó – eu, meu filho e nossos companheiros – nós ganhamos uma rinha, com um excelente galo por sinal, de um galista muito forte. Na época a gente tinha orgulho e dizia: Oh! Toquei o galo do fulano de tal! Quanto ganharam? Cem reais! A gente também não podia apostar muito, não era a condição econômica da gente. Mas quando ganhamos àquela rinha... Aí, depois quando brigamos em outra rinha, na cidade de Palmeira

---

<sup>10</sup> LEONARDO. Depoimento concedido ao autor. São Miguel do Oeste, 20 abr. 2009. Depoimento oral. Vale ressaltar que todos os nomes de entrevistados foram substituídos por pseudônimos.



das Missões, onde um companheiro nosso tinha uma rinha muito grande e muito boa, que a gente venceu também. Nas outras vezes que a gente ia lá, todos os galistas fortes já diziam: Oh! Esse aí não dá pra se botar de graça nele, porque esse aí tem galo bom! [...] Então, o orgulho de ter sido vencedor é imensamente maior do que qualquer dinheiro. Não tem dinheiro que pague o orgulho que a gente tem de ter uma coisa boa, ou o melhor daquela espécie<sup>11</sup>.

Sua ênfase cultural também pode ser observada distinguindo esses modos ou preferências na criação das determinadas variedades. Enquanto no Brasil há a predileção por galos do tipo malaióde e determinado tipo de espora, no México, por exemplo há outro tipo de predileção. Isso torna a briga de galos tão distinta uma da outra ao ponto de causar estranhamento até mesmo entre os praticantes de uma "mesma prática". Ou seja, dificilmente um galista brasileiro se interessaria por uma briga de galos mexicana ou balinesa por exemplo, e vice-versa. E não somente pelo fato dos galos e esporas serem diferentes, porém, mais exatamente por um *ethos* representado pela luta entre os galos. Numa luta mais prolongada, como são as que os nossos galistas estão habituados, predomina o imaginário que dá ênfase à qualidade, bravura e coragem dos galos - e por conseguinte de seus donos - enquanto as lutas mais rápidas estão associadas ao imprevisível, ou seja, a sorte.

## **2. Aspectos relevantes quanto aos estudos ambientais**

No Brasil, não existe nenhuma lei específica em relação às brigas de galos. Somente o Decreto nº 50.620 de 1961, expedido pelo excêntrico presidente Jânio Quadros proibia a prática, no entanto, essa mesma lei foi revogada pelo decreto 1.233, de 22 de junho de 1962 durante o governo parlamentarista de Tancredo Neves. Em reconhecimento, Tancredo foi laureado com um galo de ouro por um grupo de galistas.

Figura 4 - Tancredo Neves recebe o galo de ouro das mãos de Daniel Tosi.

---

<sup>11</sup> NEREU. Depoimento concedido ao autor. São Miguel do Oeste, 21 abr. 2009. Depoimento oral.



Disponível em: <http://galoscombatentesmaustratos.blogspot.com.br/2012/01/tancre-do-neves-recebendo-o-galo-de-ouro.html>. Acesso em: 14 jun. 2014.

Outras leis já existiam anteriormente. O Decreto Federal nº 24.645/34 previa punição a "realização ou promoção de lutas entre animais da mesma espécie ou de espécies diferentes, touradas e simulacros de touradas, ainda mesmo em lugar privado". E também o Decreto Lei de Contravenções Penais (Lei nº 3.688/41) que previa a pena de três meses a um ano de detenção, multa e perda dos móveis do local por promoção de jogos de azar.

Muito embora - como é dito em linguagem coloquial - essas leis não tenham pego, elas representaram e representam, até certo ponto, tentativas de construção do Estado-nação pautadas em valores sociais mais industriais, urbanos e civilizatórios, a maneira dos países centrais do capitalismo, e que trazem consigo outras abordagens tanto em relação ao social e econômico como também a cultura e, por conseguinte, formas de sensibilidades.

Somente no final dos anos 1990 as brigas de galos passaram a ser, idiossincriticamente enquadradas, (inclusive pelo Supremo Tribunal Federal) como um crime ambiental, conforme o artigo 32º do Código Ambiental (Nº 9605-98, de 12 de fevereiro de 1998), onde registra-se: "Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos", pena – detenção, de três meses a um ano, e multa. Ou ainda, através do artigo 225º da constituição

federal, “nos quais sobressaem o dever jurídico de o Poder Público e a coletividade defender e preservar o meio ambiente, e a vedação, na forma da lei, das práticas que submetem os animais a crueldades”

Por suposto, essa maneira de interpretação representa um tipo de visão sobre o mundo carregada de valores morais ou como afirma genericamente Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.

Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que rendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio<sup>12</sup>.

Nestes termos, prevalece a percepção de mundo de uns, em detrimento daquilo que antropologicamente é chamado dos "discursos sobre si", no qual tende a se apoiar este artigo.

A partir desse exposto, podemos tomar a história ambiental e seus pressupostos teóricos de maneira relativista para se pensar algumas práticas, como, neste caso, as das brigas de galos. Por ser história ambiental, não podemos nos apoiar somente em legislações para pressupor uma certa ética universal em relação à natureza, mas analisar como a história tem modificado as relações entre homens, o ambiente e os demais seres.

Além do mais, o homem não é um ser universal, do mesmo modo que não existem valores universais da cultura humana. Existem diversas formas de compreensão do mundo pelos diversos homens que variam tanto

---

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990. p.17.

no espaço quanto no tempo, e também há os termos aos quais os qualificam ou desqualificam formas de comportamento dentro de um grupo. Dizendo isso estamos no remetendo a uma antropologia que procura entender cada agrupamento humano a partir de suas regras, de seus próprios valores éticos e morais. No caso deste texto, procuramos entender as brigas de galos, não necessariamente de forma imparcial, mas procurando relativizar as sensibilidades atribuídas a elas pelos seres humanos como decorrência de suas experiências.

As experiências, neste sentido, são importantes na medida em que podem atribuir diferentes maneiras de interpretar, logo a briga de galos é entendida e apontada negativamente como cruel por vários grupos dentro de uma disputa simbólica pretensiosa a uma determinada conduta moral. Por outro lado, ela pode ser entendida a partir de outros termos, os quais geralmente não coadunam com a primeira perspectiva.

Dito isto, retomo a história ambiental, a partir de uma visão holística e menos dualista. Ou seja, onde as relações entre cultura e natureza não se colocam como completas oposições, como vem apontando José Augusto Pádua<sup>13</sup> acerca de um diálogo mais profundo entre história e ecologia. É, neste sentido, que proponho entender as brigas de galos e toda atividade associada a ela como uma interação entre estes homens e seus animais, pois tanto a prática é dependente desta espécie, como a espécie tornou-se depende da prática.

E não é só isso, para além das projeções e dos valores morais que os galistas depositam em seus prediletos, é possível dizer que estas pessoas compartilham de uma sensibilidade, mesmo que distinta daqueles que percebem os animais de uma maneira mais homogênea. Como é atestado em depoimentos.

Roberto Volkmer, por exemplo, ao ser perguntado sobre rinha de cães, diz que ela não tem nada a haver com rinha de galos, “porque esses cachorros, o *pit bull*, se mutilam. Então é uma coisa feia, eu não gosto não”<sup>14</sup>. Opinião semelhantes à de Nelson Pooter – “o que eu acho mais crueldade é ver dois cachorros brigando, porque ali é na dentada e se vê que rasga mesmo, diferente de um galo de briga”<sup>15</sup>. Enquanto José da Silva, ao

---

<sup>13</sup> PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: DRUMMOND, J. A., FRANCO, J. L. A., SILVA, S. D. e TAVARES G. G. (Orgs.). **História ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

<sup>14</sup> VOLKMER, Roberto. Depoimento concedido a Misael Costa Corrêa. São Miguel do Oeste/SC, [13 abr. 2009]. Depoimento Oral. Arquivo WAV. Acervo do Entrevistador.

<sup>15</sup> POOTER, Nelson. Depoimento concedido a Misael Costa Corrêa. Guaraciaba/SC, [16 abr. 2009]. Depoimento Oral. Arquivo WAV. Acervo do Entrevistador.

ser questionado sobre rinhas de cães ou pássaros afirma que, “o cachorro e o pássaro não são para isso”<sup>16</sup>. Na verdade a maioria dos entrevistados desconhece estas outras práticas, ou conhecem por ouvir falar.

Todavia, o interessante nessas respostas é que geralmente prevalecem os discursos dominantes sobre as novas sensibilidades em relação aos animais, ou até mesmo a respeito de sensibilidades sobre o mundo natural em geral, como se percebe na preleção de Nereu sobre a mesma pergunta:

Em primeiro lugar, eu nunca tive a intenção de ter um canário encerrado. Acho que o passarinho, pelo seu tamanho deve estar solto. Até mesmo na propriedade que eu tenho, onde eu criava galos de briga, vinham pássaros de todas as espécies por causa da distribuição de alimento para os galos, e a gente os admirava soltos na natureza. Entendemos que, eles presos, não tem a mesma beleza, nem o mesmo encanto. Sobre o cachorro, eu já ouvi falar sobre briga de cachorros, mas nunca vi uma briga de cães<sup>17</sup>.

Geralmente as falas se reforçam ao dizer que “quem gosta de galo só pratica isso”, não se envolve com outras práticas. Sobre a rinha de cães nenhum dos depoentes disse que fez ou faria, muito pelo contrário, sempre apontam o cão como um animal de companhia ou guarda, como contou Amaral:

Eu tenho meu *pit bull*, mas eu jamais colocaria ele pra brigar. Eu gosto do meu cachorro, estaria sujeito a perder meu cachorro e ele é meu protetor, protetor da minha casa, da minha família, tenho somente para a minha segurança. Aqui não tem rinha de cachorro, o pessoal não é aficionado por rinha de cachorros, aqui na grande Florianópolis não deve ter nenhuma. Pode ser que algum maluco faça lá com outro uma briga,

---

<sup>16</sup> SILVA, José da. Depoimento concedido a Misael Costa Corrêa. Itapiranga/SC, [18 abr. 2009]. Depoimento Oral. Arquivo WAV. Acervo do Entrevistador.

<sup>17</sup> NEREU, op. cit.

entre eles. Mas rinha local, onde põe rinha de cachorro, que eu saiba não tem<sup>18</sup>.

De forma semelhante é entendido os maus tratos aos animais. Todos os entrevistados demonstram compaixão pelos animais, talvez não na mesma medida em que membros de sociedades protetoras de animais e simpatizantes, até porque os discursos que são proferidos contra os galistas acabam por gerar neste grupo um sentimento de aversão a estas causas e seus membros, porém, como se pôde perceber, não se trata - fazendo alusão a uma moral vitoriana ou o culto a sensibilidade era associada a refinamento moral e estético - de pessoas insensíveis.

Nesse sentido, as sensibilidades entram em evidência de forma a pluralizar o sentido de sensibilidade e removê-la das reivindicações hierárquicas de posse versus não-posse. Exatamente como o relativismo cultural sob Franz Boas e seus seguidores transformaram a ideia vitoriana de cultura<sup>19</sup>.

Ainda assim, há quem condene a prática das brigas de galos como sendo uma exploração onde os apostadores auferem lucros com os animais. No entanto, o sistema de apostas em brigas de galos, realizados em pares, não permitem grandes lucros, isso quando é possível obter algum tipo de lucro.

Isso foi constatado através de depoimentos, os quais são unânimes em afirmar que ninguém vive de apostas. O galista Antonio Zimmerman, de Florianópolis, conta que “o galo de briga não dá lucro para ninguém, quem cria é um apaixonado pelos galos combatentes”<sup>20</sup>. Acrescenta que sua renda provém de sua “aposentadoria e de honorários advocatícios.”<sup>21</sup>

Por seu turno, o galista Bartolomeu Gonçalves, de Florianópolis, diz: “o verdadeiro galista e preservador só investe na criação sem objetivo de lucro, pois isto é paixão pelos animais”<sup>22</sup>. Já o galista Pedro Dias, também da capital catarinense, é mais sucinto: “Ninguém consegue viver de

---

<sup>18</sup> AMARAL, Afonso. Depoimento oral [6 nov. 2011]. Entrevistador: Misael Costa Corrêa. Palhoça/SC. Arquivo WAV. Acervo do entrevistador.

<sup>19</sup> WICKBERG, Daniel. What Is the History of Sensibilities? On Cultural Histories, Old and New. *American Historical Review*, p.661-684, jun. 2007.

<sup>20</sup> ZIMMERMAN, Antonio. Depoimento oral e escrito. [29 ago. 2011]. Entrevistador: Misael Costa Corrêa. Florianópolis/SC. Arquivo WAV. Acervo do entrevistador.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> GONÇALVES, Bartolomeu. Depoimento oral e escrito [27 ago. 2011] Entrevistador: Misael Costa Corrêa. Florianópolis/SC. Arquivo WAV. Acervo do entrevistador.

apostas. Não dá lucro”<sup>23</sup>. Já Lopes, ao ser perguntado se é possível viver das apostas, declarou:

Não, isso aí é uma ilusão. Nunca ouvi dizer que alguém ficou rico por causa de galo de briga. Isso é simplesmente esporte, ou o cara que se dedica só pra isso, pra criar e vender, se ele for apostador não adianta, ele vai perder. Eu nunca ouvi dizer que alguém ficou rico com galo, a não ser que ele crie e venda que é outro departamento, mas apostar não. É claro que tem uns mais espertos [nas apostas] que conseguem ganhar mais, mas isso é paixão... eu não conheço ninguém que tenha ficado rico com isso, porque hoje se ganha, amanhã perde, aposta no galo dele e ganha, aí aposta no galo de outro e já perde. Mas a maioria tem a sua profissão, suas coisas<sup>24</sup>.

Além do que, em termos de movimentação monetária, a prática é irrisória em comparação a utilização de diversas espécies de maneira exploratória pela indústria alimentícia ou outras práticas elitistas de entretenimento que utilizam animais.

As aves de corte e poedeiras, prática econômica, com amparo legal, submete bilhões de animais a tratamentos que podem ser considerados cruéis e sem qualquer tipo de afeição, são animais convertidos puramente em objetos comerciais. Não só pelo fato de uma exploração massiva para a transformação em alimento, mas toda uma indústria científica constituída de modo a maximizar o rendimento dos mesmos. Para isso, várias espécies foram submetidas a transformações genéticas, proporcionando, por exemplo o abate dos frangos em 45 dias após seu nascimento, enquanto uma ave não submetida a estas transformações levaria mais de 6 meses para atingir a fase de abate. Em sua curta vida, passa-a dia e noite a comer. Sua estrutura óssea não chega, bem como sua musculatura, a completar seu desenvolvimento, por isso os ossos são frágeis e a carne é "branca", o que difere da popular galinha "caipira". Além do mais, a alteração genética com vistas a tornar precoce o abate também tem outra finalidade: com 45 dias, como não há

---

<sup>23</sup> DIAS, Pedro. Depoimento oral e escrito [08 set. 2011] Entrevistador: Misael Costa Corrêa. Florianópolis/SC. Arquivo WAV. Acervo do entrevistador.

<sup>24</sup> LOPES, Francisco. Depoimento oral [4 nov. 2011]. Entrevistador: Misael Costa Corrêa. São José/SC. Arquivo WAV. Acervo do entrevistador.

maturidade sexual, os frangos não disputam território e a supremacia sobre o bando, muito menos entram em combate. Mesmo não sendo a característica dos frangos de corte, nada impede que qualquer espécie de galináceo se ponha em combate quando atinge a maturidade. O diferencial entre os chamados galos combatentes é que na grande maioria das vezes eles se põem a lutar sem exitar, ao contrário de outras variedades, que se colocam em fuga em poucos minutos.

Fora isso, existem as chamadas galinhas poedeiras, muitas vezes submetidas a debicagem, processo pelo qual corta-se a ponta do bico (tanto superior como inferior) com uma lâmina quente, para que as mesmas reduzam o canibalismo, a bicagem dos ovos e desperdicem menor quantidade de ração ao comer<sup>25</sup>. Estas galinhas, vivem enclausuradas em pequenas gaiolas durante toda sua vida, recebem rações especiais denominadas de postura, para estimular a produção de ovos. Foram geneticamente modificadas para não chocarem, pois toda galinha em condições naturais choca após colocar em média uma dúzia de ovos. No auge de sua produtividade, galinhas poedeiras põem dois ovos por dia, fato inigualável para qualquer galinha não submetida a estas condições. Após o auge da postura, quando começam a perder produtividade, as galinhas poedeiras, são abatidas, transformadas em carne e outros componentes de menor valor, como patês, salsichas e embutidos.

Figura 5 - Galinha submetida à debicagem.



Disponível em:

<http://pt.engormix.com/fotos/ph9845.htm> Acesso em: 15 jun. 2014.

---

<sup>25</sup> ALBINO, Jacir; BASSI, Levino. Debicagem em galinhas de postura. Instrução técnica para o avicultor. **Embrapa**: n. 27, nov. 2005. Disponível em: [www.cnpas.embrapa.br/sgc/sgc\\_publicacoes/publicacao\\_f4132i7p.pdf](http://www.cnpas.embrapa.br/sgc/sgc_publicacoes/publicacao_f4132i7p.pdf).



Para manter toda essa indústria, também se faz necessária a utilização de enormes áreas para a produção de milho e soja, principais componentes das rações animais. Essas áreas agriculturáveis, por sua vez, desalojam a fauna e a flora, trazendo assim riscos ambientais. Isso, ainda, quando não estão associadas a lutas sociais em relação à posse da terra.

Além destes problemas suscitados, recordando McNeill<sup>26</sup>, não seria muito radical incluir mesmo variedades domésticas sob risco nessa sexta grande extinção, pois muitas variedades que deram origem aos animais que são criados hoje estão sendo substituídos por animais geneticamente modificados, que compensam tempo e gastos. Ou mesmo animais que são substituídos por máquinas, como é o caso dos animais de carga, muares, equinos, camélídeos, entre outros, que vem diminuindo em número em decorrência de tecnologias.

O risco da extinção pela exploração econômica desenfreada, associada à substituição de práticas culturais é devido à consolidação de alterações sócio estruturais decorrentes da industrialização e urbanização da sociedade. Ou seja, o distanciamento do homem do mundo rural, do contato direto com animais e plantas que até então se apresentavam como elementos de diversão ou mesmo úteis a própria sobrevivência humana em comunidades, produz uma perda de conhecimento sobre estes seres. Servem como exemplo nestes casos, espécies de milhos e outros cereais e frutas ameaçadas pela substituição por transgênicos.

Quanto aos animais, a regra pode também ser cabível, algumas variedades de suínos, equinos, bovinos são preteridos em relação às variedades mais rentáveis. Aos galináceos o problema pode ser ainda mais grave, pois os animais mais produtivos economicamente são tão modificados geneticamente que só o manuseio com interesses econômicos dá sequência a espécie: as galinhas poedeiras não conseguem produzir descendentes pela perda da capacidade de chocar os ovos, o que tem que ser feito por incubadoras elétricas; os frangos são abatidos antes de chegar a maturação sexual.

Além disso há o papel repressor do Estado, com apoio de organizações que se apresentam como progressistas, ao proibir ou coibir a livre criação de animais sob a alegação de serem insalubres, cruéis ou possíveis focos de doenças contagiosas. Por isso, muitas vezes cabe as

---

<sup>26</sup> MCNEILL, J. R. La biosfera. Bosques, peces e invasiones. In: **Algo Nuevo Bajo el Sol: Historia medioambiental del mundo en el siglo XX**. Madrid: Alianza Editorial, 2003. p.279-326.

agências governamentais sanitárias o controle de atividades que ponham em perigo o mercado interno e externo. Além, é claro, da criminalização de atividades que envolvam animais e que muitas vezes não vão de encontro às aspirações progressistas da sociedade urbana e industrial.